



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO



Encontro com lideranças leigas – Pastoral Familiar
Arquidiocese de São Paulo

São Paulo, 11 de março de 2026

Cardeal Baldassare Reina
Grão-Chanceler do Instituto Teológico João Paulo II – Roma
Vigário do Santo Padre para a Diocese de Roma

“Existe espaço para Deus em nossas cidades?”

Uma proposta de reflexão a partir da pastoral familiar

1. Por uma teologia *urbana*: de Emaús a Aparecida

Agradeço a oportunidade de dialogar com as lideranças leigas da pastoral familiar da Arquidiocese de São Paulo. Vivemos na igreja católica uma data muito significativa e um momento muito importante, pois celebramos neste 19 de março de 2026, 10 anos da publicação da Exortação Apostólica pós-sinodal **AMORIS LAETITIA** do Santo Padre, o Papa Francisco. Por isso, gostaria de propor uma reflexão sobre o diálogo entre a reflexão teológica, a reflexão pastoral e a vida cotidiana que transcorre, todos os dias, em nossas grandes cidades. Essa troca vital não diz respeito apenas à teologia e à pastoral, mas sobretudo, às realidades coletivas e comunitárias: a “comunidade civil”, isto é, todos os grupos humanos que compõe a cidade, e portanto, formam também nossas comunidades cristãs, entre eles, trabalhadores, imigrantes, famílias, estudantes, universitários e todas as classes de cidadãos.

Hoje, assim como nos tempos de Jesus, esses lugares têm a forma das ruas nas quais pessoas cada vez mais diversas e numerosas se movimentam por múltiplas razões. Hoje, como nos tempos de Jesus, as pessoas que desejam segui-lo e que não param de refletir sobre o que significa seguir Jesus, podem encontrá-lo também nas ruas ou nas praças de uma grande cidade. Os bairros de uma grande metrópole urbana são, ainda hoje, o lugar do contato com a carne viva de Cristo, sobretudo os bairros mais pobres e periféricos de uma metrópole regional sem limites.



O relato dos discípulos de Emaús continua a ser o ícone inspirador de uma teologia que sabe experimentar e renovar a proximidade itinerante dos discípulos do Senhor. Por meio do exemplo de Jesus, que se torna companheiro de viagem, especialmente daqueles que estão cansados ou perdidos, encontramos os gestos e a inspiração para pensar uma teologia feita com a cidade e para a cidade. Devemos, portanto, retornar sempre, com um olhar novo e admirado, aos movimentos, às palavras, aos olhares de Jesus e dos discípulos em Emaús. Somente deste modo podemos encontrar a coragem e a criatividade para imaginar uma nova “teologia urbana”.

Comentando essa página do Evangelho segundo Lucas (24,13-35), o Papa Francisco afirmou que precisamos de uma Igreja em caminho, que saiba ir ao encontro dos discípulos de hoje e de amanhã, tornando novamente visível o gesto de Jesus que se aproxima de seus caminhos. Os potenciais discípulos de Jesus, aqueles que Deus continua a amar e a sonhar conosco, já estão presentes em nossas cidades: são homens e mulheres que vivem, trabalham, se apaixonam e muitas vezes choram em nossas cidades. Imitando Jesus, que caminha com eles, dialoga com eles, come com eles, compreendemos que “precisamos de uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite deles. É necessária uma Igreja capaz de encontrá-los em seu caminho. É necessária uma Igreja capaz de se inserir em sua conversa”¹.

O Papa Francisco pronunciou estas palavras durante seu encontro com os bispos brasileiros, em 27 de julho de 2013, durante sua visita por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. No mesmo discurso, o Papa lembrou o evento de Aparecida e como o afeto do povo brasileiro pela Mãe de Deus é um exemplo de fé e esperança para toda a Igreja: Aparecida é uma “chave de leitura para a missão da Igreja”.

Em seu discurso, o Papa Francisco, falando sobre a tarefa da Igreja na sociedade, afirmou que “Educação, saúde, paz social são as urgências brasileiras”. Ainda hoje podemos dizer que o desejo de uma educação acessível a todos, de serviços de saúde universais e qualificados, de bairros seguros e reconciliados, continua a ser o desejo não só das cidades brasileiras, mas de todas as cidades do mundo; não somente da Igreja brasileira, mas de todas as Igrejas e comunidades de fiéis.

Por isso, mesmo uma experiência aparentemente local ou nacional, como o evento de Aparecida, é capaz de apontar caminhos de esperança e de futuro para toda

¹ Francesco, *Discurso in occasione dell'incontro con l'episcopato brasiliano*, Rio de Janeiro, 27 luglio 2013.



a Igreja. Não devemos ter medo de mergulhar seriamente no trabalho teológico e pastoral dentro das realidades locais, das culturas nativas, dos contextos urbanos em que vivemos. Só assim seremos capazes de cultivar uma mens teológica autenticamente «católica», capaz de abraçar todos e cada um, capaz de manter unidos o micro e o macro, o todo e as partes.

Isso aconteceu na história recente da Igreja Católica, sobretudo por meio do caminho das igrejas particulares que estão presentes na América Latina e no Caribe. As conferências do episcopado latino-americano, incluindo a que se realizou em Aparecida há 20 anos, são uma referência importante não só para a história deste continente, mas para a vida de todos os discípulos do Senhor que fazem parte de toda a Igreja. Este é o sentido de uma teologia contextual para a missão da Igreja hoje. Fazer teologia partindo da leitura dos contextos culturais, sobretudo urbanos, não significa ceder à tentação de um certo “bairrismo”. Significa, na verdade, cultivar um amor atento por todos os discípulos de Cristo, sobretudo por aqueles que ainda desejam conhecê-lo e escutar suas palavras.

Neste momento da minha vida, o meu serviço à Igreja, aos homens e mulheres deste tempo, realiza-se principalmente como Vigário do Santo Padre para a Diocese de Roma. Ao mesmo tempo, porém, desempenhando o papel de Grão-Chanceler do Pontifício Instituto Teológico João Paulo II, foi-me confiada uma tarefa de apoio colaborativo e paternal em relação a uma importante instituição acadêmica, intimamente ligada ao Magistério Pontifício e à sua responsabilidade para com toda a Igreja.

Gostaria, portanto, de vos falar como irmão e pastor, empenhado no serviço de uma grande cidade como Roma, mas também dentro de um Instituto Teológico que acolhe estudantes de todo o mundo, incluindo os que chegam do Brasil e de muitos outros países latino-americanos. Em particular, como Grão-Chanceler do Pontifício Instituto João Paulo II, sou chamado a dedicar especial atenção à formação dos(as) fiéis leigos(as), dos seminaristas e dos sacerdotes, dos religiosos e religiosas no campo da pastoral familiar.

Por estas razões, gostaria, também, de partilhar algumas reflexões sobre como imaginar práticas teológicas e pastorais que saibam partir do que acontece nas nossas cidades e nas nossas famílias. A teologia urbana, entendida como um conjunto de práticas teológicas com a cidade e para a cidade, pode tornar-se uma ocasião para refletir de forma criativa e renovada sobre a pastoral da vida familiar.



2. A urbanização como processo e desafio para a missão da Igreja

De acordo com dados estatísticos divulgados pela ONU, sabemos que, desde 2008, a população mundial que vive nas cidades ultrapassou em número a população que vive em áreas não urbanas. O número de cidadãos urbanizados é maior do que o número daqueles que vivem no campo ou em territórios pouco urbanizados. Os especialistas definiram essa mudança como a «nova revolução urbana». Uma revolução que foi comparada, em termos de impacto e consequências, à primeira revolução industrial ou à difusão da Internet e dos novos meios de comunicação digitais.

A urbanização não é apenas um processo de mudança demográfica, mas é sobretudo um processo de mudança antropológica e cultural. Na verdade, o que muda não é apenas a forma das novas metrópoles regionais, onde por vezes vivem dezenas de milhões de pessoas. Como é o caso da própria região metropolitana de São Paulo. Com o crescimento dos novos aglomerados urbanos, também se transformam as relações que conectam indivíduos e comunidades. Ou seja, mudam as medidas de proximidade com que também a fé é transmitida nas nossas comunidades cristãs. A urbanização torna-se, portanto, um desafio para a proximidade entendida como elemento cultural da comunicação da própria fé. Por esta razão, a urbanização representa um dos processos mais relevantes e incisivos também na vida pastoral das nossas igrejas.

Creio que o processo ao qual devemos prestar mais atenção, como teólogos e pastores, não é tanto a secularização ou a globalização, mas sim a urbanização. Enquanto a secularização e a globalização são categorias criadas pelos cientistas sociais para interpretar as mudanças económicas e culturais que também afetam o mundo das religiões e das crenças, a urbanização é um processo histórico que afeta, antes de tudo, os homens e as mulheres do nosso tempo. A urbanização é uma autêntica «mudança de época» na qual cada um de nós está plenamente envolvido. Em outras palavras, poderíamos dizer que a urbanização é realmente aquele processo concreto de transformação cultural que está a afetar toda a população mundial, que afeta, por exemplo, os habitantes de Roma, assim como os de São Paulo; considerando que só a região metropolitana de São Paulo é dez vezes mais populosa do que a cidade de Roma.

Este processo também muda a vida das pessoas que continuam a viver nas zonas rurais. As grandes metrópoles regionais tornam-se, de fato, cada vez mais máquinas



famintas de energia e recursos alimentares que têm de ser produzidos no campo, transformando assim os sistemas tradicionais de cultivo, intensificando os métodos de produção agrícola e multiplicando a exploração dos trabalhadores da terra, que estão cada vez mais ao serviço dos trabalhadores da cidade.

Ao mesmo tempo, a urbanização transforma a vida das famílias, especialmente das famílias divididas devido à migração ou à mobilidade interna de um país. Em quase todos os continentes, incluindo a América Latina, cresce o número de famílias divididas porque um dos pais deixa os seus familiares nas zonas rurais para ir trabalhar numa grande metrópole. Esta é provavelmente a experiência de «divisão familiar» mais difundida no mundo: os membros da mesma família separam-se, por razões de trabalho, dividindo o núcleo familiar entre aqueles que ficam no campo e aqueles que vão viver para a cidade. Esta mudança não pode ser ignorada pela pastoral familiar das nossas igrejas. De fato, nesta época, cada vez mais famílias estão vivendo novas formas de afastamento e separação dos seus membros. O que fazemos, como igrejas e como faculdades teológicas, pelas famílias separadas por causa do trabalho? A teologia, nas suas múltiplas especializações, deve interessar-se cada vez mais pelos processos sociais e culturais que reúnem as famílias contemporâneas. A teologia poderá, portanto, enriquecer-se ao ouvir os esforços com que as famílias vivem formas de divisão, esforçando-se por permanecer juntas, enfrentando a distância física e afetiva.

A este esforço, das igrejas e da teologia, apelou o Papa Francisco, dedicando algumas passagens da *Evangelii gaudium*, precisamente aos Desafios das culturas urbanas (n. 71-75). As cidades, as novas metrópoles globais, são realidades complexas porque ambivalentes: por um lado, produzem bem-estar e novas possibilidades profissionais, por outro, geram profundas desigualdades económicas e sociais. A cidade é «uma espécie de ambivalência permanente, porque, embora ofereça aos seus cidadãos infinitas possibilidades, também surgem inúmeras dificuldades para o pleno desenvolvimento da vida de muitos. Esta contradição provoca sofrimentos dilacerantes»².

Ao mesmo tempo, porém, as cidades são realidades nas quais se criam novas culturas, novos estilos de vida, onde ocorrem diálogos inéditos entre pessoas culturalmente distantes ou indiferentes. Este florescimento das «possibilidades

² Francesco, *Evangelii gaudium. Esortazione apostolica sull'annuncio del Vangelo nel mondo attuale*, 24 novembre 2013, 74.



urbanas» não pode deixar as próprias comunidades cristãs impassíveis ou desconfiadas. «Novas culturas continuam a ser geradas nessas enormes geografias humanas, onde o cristão não costuma mais ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus. Uma cultura inédita palpita e se projeta na cidade»³.

A urbanização torna-se, portanto, para as igrejas e para todas as realidades em que a fé no Senhor é partilhada, um lugar onde podemos exercitar-nos a compreender a dinâmica da comunicação da própria fé. Se conseguirmos olhar para as nossas cidades com «um olhar contemplativo»⁴, seremos capazes de reconhecer que Deus já vive na cidade. Antes mesmo que os nossos esforços missionários possam imaginar serviços e estruturas pastorais, é preciso reconhecer que Deus já tem uma história com os homens e as mulheres das nossas cidades. De fato, escreveu o Papa Francisco, «Deus vive entre os cidadãos, promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo do bem, da verdade, da justiça. Esta presença não deve ser fabricada, mas descoberta, revelada»⁵.

3. O «tríplice diálogo» da teologia urbana

A teologia urbana (pastoral urbana) deve ser, antes de tudo, uma teologia do diálogo (pastoral do diálogo) ou, melhor ainda, uma teologia (pastoral) exercitada por meio de múltiplos diálogos. Em outras palavras, poderíamos dizer que os protagonistas da teologia urbana não são apenas os teólogos ou os especialistas. A teologia feita com a cidade e para a cidade é, antes de tudo, uma reflexão comum que se concretiza por meio de práticas teológicas concretas. Poderíamos imaginar este «espaço teológico» como uma praça animada e movimentada, como as praças que favorecem o encontro de muitas pessoas nas nossas cidades e nos nossos bairros. Em cada uma dessas praças, pessoas diferentes em termos de língua, cultura, religião ou pertença social conseguem encontrar-se e dialogar. Assim como as «conversas prolongadas» entre pessoas aparentemente distantes são a base da convivência urbana, também as «conversas prolongadas» da teologia são um serviço indispensável para a missão de toda a Igreja.

Creio que a teologia urbana (pastoral urbana) deve caracterizar-se pela capacidade de habitar e promover um «tríplice diálogo»: o diálogo com as pessoas que

³ Ivi, 73

⁴ Ivi, 71

⁵ Ibidem



vivem na cidade e com as suas famílias; o diálogo com as comunidades ou agregados sociais que compõem o tecido de uma grande cidade; e, finalmente, o diálogo com as ciências da cidade, ou seja, com os homens e mulheres que, estudando ou trabalhando, nos ajudam a compreender melhor a complexidade da vida urbana.

Empresto a expressão «tríplice diálogo» do trabalho pastoral realizado nas últimas décadas pela Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC). Os bispos asiáticos, de fato, com grande êxito sintetizaram na expressão «tríplice diálogo» a fundamental postura teológica e pastoral partilhada e vivida em suas igrejas. De acordo com esta visão, a missão das igrejas na Ásia toma forma, em primeiro lugar, por meio da ativação de um diálogo triplo, ou seja, um diálogo com as culturas, com as religiões e com os pobres.

Gosto de recordar o trabalho criativo e esclarecedor das igrejas asiáticas para salientar o valor do magistério continental para a vida de toda a Igreja. A Igreja sinodal enriquece-se particularmente por meio das contribuições que as conferências de igrejas são capazes de dar a nível continental. Hoje, por exemplo, podemos afirmar com convicção que o discernimento teológico e pastoral conduzido pelo episcopado latino-americano e caribenho constituiu um património precioso e uma inspiração profunda para toda a Igreja, especialmente na época pós-conciliar.

Também através do convite a encorajar a «troca de dons» entre as antigas e novas associações de igrejas⁶, percebemos hoje a importância da interação e da comunicação entre os diferentes magistérios continentais e regionais. Para citar um exemplo virtuoso, gostaria de recordar o encontro internacional, acolhido de 17 a 19 de setembro de 2025 pelo Pontifício Instituto Teológico João Paulo II e organizado em colaboração com a Pontifícia Comissão para a América Latina, o CELAM e a Pontifícia Academia para a Vida. Esta experiência de «Encontro jubilar e sinodal para um discernimento de esperança sobre o futuro da vida e da família» (*Encuentro jubilar y sinodal para el discernimiento esperanzador sobre el futuro de la vida y la familia*) foi uma ocasião para reafirmar a importância do diálogo entre as reflexões teológicas e pastorais que são conduzidas a nível continental, favorecendo a troca de experiências entre regiões eclesiais diferentes, por vezes distantes entre si.

⁶ Sinodo dei Vescovi, Documento finale della seconda sessione della XVI Assembleia Generale Ordinaria (2-27 ottobre 2024) *Per una Chiesa sinodale: comunione, partecipazione, missione* (26 ottobre 2024), n. 110-123.



Gostaria, portanto, de me deter brevemente em cada um dos três diálogos que caracterizam ou deveriam caracterizar ainda mais as práticas da teologia urbana:

O primeiro diálogo é com as pessoas e as famílias das nossas cidades. Uma questão fundamental e que não pode faltar em nenhuma instituição acadêmica dedicada ao estudo da teologia é esta: «Como alcançamos e nos deixamos alcançar pelos homens e mulheres da cidade, através dos instrumentos que nos são próprios, ou seja, através da formação e da investigação?»

Creio que, as instituições acadêmicas pontifícias (as instituições eclesiais e pastorais), em particular, devem deixar-se tocar pela vida das pessoas que habitam a cidade, isto significa, antes de tudo, reconhecer a sua «inteligência na vida quotidiana», reconhecendo assim sua «inteligência na fé». Como teólogos e pastoralistas dedicados ao ensino, à investigação e ao cuidado pastoral em nossas cidades, esforçamo-nos com amorosa atenção para aprender sobretudo com aqueles que têm de gerir diariamente uma vida de pobreza e com aqueles que fizeram uma escolha de pobreza, vivendo junto dos mais pobres. Penso, por exemplo, na vida e na obra de Santa Dulce dos Pobres, «o bom anjo da Bahia». Falando dela, na Exortação Apostólica *Dilexi te*, o Papa Leão XIV escreve: «A Irmã Dulce enfrentou a precariedade com criatividade, os obstáculos com ternura, a necessidade com fé inabalável»⁷.

O segundo diálogo que caracteriza a teologia urbana (pastoral urbana) é aquele com as comunidades e os agrupamentos sociais que compõem as grandes cidades. Os teólogos, pastores e agentes de pastoral, de modo particular, nunca devem esquecer que a vida urbana não é composta apenas por indivíduos, mas também por processos de agregação e desagregação. Muitas vezes, mesmo na linguagem eclesial presente nas nossas realidades pastorais, falamos de pessoas ou de relações entre pessoas. Na realidade, deveríamos prestar mais atenção ao estudo das formas como as pessoas se associam e se unem, gerando novas agregações, novos corpos coletivos, como, por exemplo, as associações de trabalhadores e trabalhadoras ou os novos movimentos populares em defesa do direito à terra, à casa e ao trabalho. Mais de uma vez, o Papa Francisco, dialogando com os movimentos populares, definiu-os como «poetas sociais»⁸. Também para as instituições acadêmicas que fazem investigação teológica,

⁷ Leone XIV, *Dilexi te. Esortazione Apostolica sull'amore verso i poveri*, 4 ottobre 2025, 78.

⁸ Francesco, *Discorso in occasione del II Incontro mondiale dei movimenti popolari*, Santa Cruz de la Sierra (Bolivia), 9 luglio 2015

é importante continuar a se alimentando por meio deste diálogo com os «poetas sociais» do nosso tempo.

O terceiro e último diálogo é com as ciências da cidade, ou seja, com os conhecimentos que se ocupam de estudar a vida comum na forma da vida urbana. A teologia, em particular a teologia da família (pastoral da família), sente a necessidade de uma troca fecunda de conteúdos e métodos com outras disciplinas científicas. Nesse sentido, também o confronto com as ciências da habitação (urbanismo, arquitetura, design) pode parecer invulgar, mas muito fecundo. Os projetos compartilhados e participativos dos espaços comuns, dos espaços domésticos, bem como dos espaços públicos frequentados por todos, pode tornar-se um importante local de confronto interdisciplinar entre teologia, pastoral e instituições civis. Não podemos esquecer, a este respeito, o convite ao estudo interdisciplinar e transdisciplinar que o Papa Francisco dirigiu às universidades e faculdades eclesiais por meio da Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*. No prólogo deste importante documento, lemos: «A redescoberta atual do princípio da interdisciplinaridade é sem dúvida positiva e promissora: não tanto na sua forma «fraca» de simples multidisciplinaridade, como abordagem que favorece uma melhor compreensão de um objeto de estudo a partir de vários pontos de vista; mas sim na sua forma «forte» de transdisciplinaridade, como localização e fermentação de todos os conhecimentos no espaço de Luz e Vida oferecido pela Sabedoria que emana da Revelação de Deus»⁹.

4. Teologia urbana e Doutrina social da família

Gostaria de concluir a minha intervenção sublinhando a importância da referida teologia urbana, não só para uma compreensão teológico-pastoral mais atenta às realidades familiares, mas sobretudo para o desenvolvimento de novas intuições e práticas no campo da pastoral familiar. Assim como precisamos observar com um olhar contemplativo para as nossas cidades, da mesma forma precisamos de ter «um olhar contemplativo» para as famílias que as habitam.

Para amadurecer este olhar, é necessário aproximar cada vez mais estes três âmbitos de reflexão e ação: o âmbito da investigação teológica, o do pensamento social da Igreja e, finalmente, o âmbito da pastoral familiar. É nesta direção que nos exorta o

⁹ Francesco, *Veritatis gaudium. Costituzione Apostolica circa le Università e le Facoltà ecclesiastiche*, 8 dicembre 2018, 4.



Papa Leão XIV quando recomenda o empenho teológico e pastoral para desenvolver uma «Doutrina social da família» mais atenta e inteligente.

Ao encontrar-se com a comunidade acadêmica do Pontifício Instituto Teológico João Paulo II, no passado dia 24 de outubro, o Papa Leão XIV formulou este desejo: «Aprofundar o vínculo entre a família e a doutrina social da Igreja. O caminho pode seguir duas direções complementares: inserir o estudo sobre a família como capítulo imprescindível do patrimônio de sabedoria que a Igreja propõe sobre a vida social e, reciprocamente, enriquecer esse patrimônio com as experiências e as dinâmicas familiares, para compreender melhor os próprios princípios do ensinamento social da Igreja»¹⁰.

Com estas palavras, o Papa não está simplesmente nos confiando uma tarefa como instituições acadêmicas, mas está indicando claramente um método. De fato, por um lado, a Doutrina Social da Igreja deve ser constantemente alimentada pelas novas questões que encontramos no coração das famílias contemporâneas. Trata-se literalmente de uma capacidade de «invenção» no sentido etimológico do termo: inventar não significa criar coisas novas, mas cultivar uma sensibilidade tal que nos permita «encontrar» ou «descobrir» os novos recursos ou inquietações que estão no coração dos cônjuges, dos pais e das mães, dos(as) filhos(as) e dos irmãos e irmãs presentes na vida de cada família.

Penso, por exemplo, em como a maternidade e a paternidade estão sendo transformadas à luz da mobilidade humana ou das novas distâncias afetivas e espaciais que a população urbanizada mundial tem de gerir. A maternidade ou paternidade transnacional, por exemplo, não é simplesmente um tema urgente para a reflexão da Igreja sobre as novas questões sociais. Compreender como as mães lidam cada vez mais com a distância dos seus filhos por motivos de trabalho ou outras necessidades, conhecer os recursos humanos e espirituais que estas mulheres mobilizam para enfrentar, sobretudo, a distância afetiva dos seus filhos: todos estes são gestos muito importantes não só para a investigação teológica sobre a família, mas sobretudo para a reorganização das práticas pastorais dentro das nossas comunidades paroquiais e diocesanas.

¹⁰ Leone XIV, *Discurso a docentes e estudantes del Pontificio Instituto Teologico Giovanni Paolo II per le scienze del matrimonio e della famiglia*, Roma, 24 ottobre 2025



A partir desta escuta paciente e contemplativa das mães, através desta observação atenta das suas práticas, será possível aumentar e atualizar também a reflexão social da Igreja como Doutrina Social da Família. O Papa Leão ainda diz: «Diante da realidade de tantas mães que vivem a gravidez em condições de solidão ou marginalidade, sinto o dever de lembrar que a comunidade civil e a comunidade eclesial devem empenhar-se com constância para devolver à maternidade a sua plena dignidade.

Para tal, são necessárias iniciativas concretas: políticas que garantam condições de vida e de trabalho adequadas; iniciativas formativas e culturais que reconheçam a beleza de gerar juntos; uma pastoral que acompanhe as mulheres e os homens com proximidade e escuta. A maternidade e a paternidade, assim preservadas, não são de modo algum pesos que sobrecarregam a sociedade, mas sim uma esperança que a fortalece e renova»¹¹.

A Doutrina Social da Família requer, portanto, o envolvimento de todos, é uma tarefa que envolve todo o povo de Deus (seminaristas como muitos de vós, teólogos, pastores, agentes e animadores da pastoral), uma vez que a própria doutrina, como diz o Papa Leão, é um caminho feito juntos: cada doutrina, de fato, «reconhece-se fruto de pesquisa e, portanto, de hipóteses, de vozes, de avanços e insucessos, por meio dos quais busca transmitir um conhecimento confiável, ordenado e sistemático sobre uma determinada questão. Desta forma, uma doutrina não equivale a uma opinião, mas a um caminho comum, coral e até multidisciplinar em direção à verdade»¹².

¹¹ *Ibidem*.

¹² Leone XIV, *Discorso ai membri della Fondazione Centesimus Annus Pro Pontifice*, Roma, 17 maggio 2025.